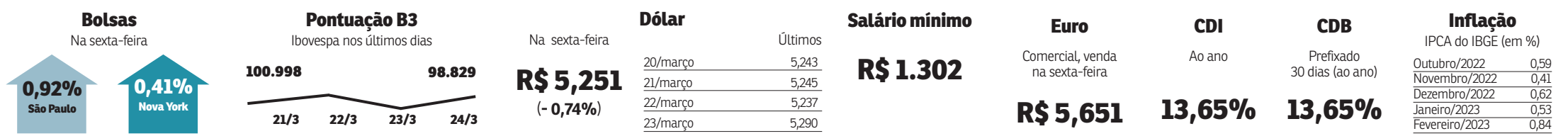




7 • Correio Braziliense — Brasília, segunda-feira, 27 de março de 2023



## » Entrevista | MANUEL MUÑIZ | REITOR DA IE UNIVERSITY

Professor afirma que as desigualdades sociais estão na base da enorme polarização política na região e alimentam o populismo. Forte presença da China nas principais economias amplia relações turbulentas com os EUA e a Europa

# Dicotomias da AL

» VICENTE NUNES  
CORRESPONDENTE

**Lisboa** — A forte presença da China na América Latina exigirá um esforço redobrado dos Estados Unidos e da Europa para manter a região fechada com a visão do Ocidente. Segundo o reitor da IE University, Manuel Muñiz, que foi vice-ministro do Exterior da Espanha, o fato de a maior parte dos países latinos se recusarem a endossar sanções à Rússia, após a invasão à Ucrânia, indica que norte-americanos e europeus não estão conseguindo estreitar os laços com essas nações.

Ele acredita que, como maior economia latina, o Brasil terá papel fundamental na integração regional. A América Latina, porém, terá de se reencontrar com o crescimento econômico para distribuir renda. Na avaliação de Muñiz, as enormes desigualdades sociais são fontes constantes de tensão na região, que teve, nos cinco anos anteriores à pandemia do novo coronavírus, o pior desempenho da atividade em sete décadas. E, quando

estava começando a se recuperar, foi atropelada pela grave crise sanitária. “Essa grande desigualdade social alimenta a polarização política e incentiva o populismo”, assinala o professor de política, economia e relações internacionais.

Para o decano, com a recente guinada de parte da América Latina para a esquerda, em especial no Brasil e no Chile, essa corrente política não poderá falhar na promessa de melhoria de vida da população, sob o risco de causar mais turbulências. Ele também chama a atenção para que o Estado de direito prevaleça, assim como a segurança política e jurídica, para que os investidores se sintam confortáveis para destinar recursos que os países tanto necessitam, sobretudo, para melhorar a infraestrutura. A seguir, trechos da entrevista que Muñiz concedeu ao Correio, a propósito da cúpula Ibero-americana que aconteceu neste fim de semana na República Dominicana.

### Como os países chegaram à Cúpula Ibero-americana depois de dois anos de pandemia?

Com grandes mudanças desde a última vez que se encontraram. No plano econômico: os últimos anos foram, de modo geral, difíceis para a região, com crescimento lento. Politicamente, houve terremotos que apontam para o desvio de vários países para a esquerda. Isso é particularmente verdade no Chile e no Brasil. E, por último, no plano geopolítico, o encontro ocorre num claro agravamento das relações entre os Estados Unidos, a Europa e a China. Dada a centralidade da China na economia regional, o aumento das tensões globais será um desafio para os países latino-americanos navegarem.

### Quais são, hoje, os principais desafios da região?

Como há muitas décadas, o principal desafio é proporcionar um crescimento equitativo. Os cinco anos anteriores à covid-19 foram os piores em termos de desempenho

econômico para a região das últimas sete décadas. E o impacto da pandemia foi muito significativo. A América Latina viu uma contração da atividade econômica em uma escala não vista em 100 anos. Ou seja, a pandemia atingiu uma economia que ainda estava em recuperação, enfrentando a quebra de um ciclo de commodities e lutando para melhorar a produtividade e ampliar a renda

### Temos visto tanto governos de extrema direita quanto de extrema esquerda tomando o poder em vários países. Como avalia esse movimento? Quais suas consequências?

Acredito que o movimento à esquerda está enraizado na necessidade de construir sociedades mais equitativas. A região tem tido um desempenho misto, para dizer o mínimo, nesta frente. E isso alimentou claramente a polarização política. A grande questão é se essas novas lideranças de esquerda serão capazes de entregar resultados.

### A América Latina sempre foi o paraíso dos populistas. Por que não consegue se livrar dessa praga?

Na minha opinião, as causas fundamentais do populismo latino-americano são a desigualdade social e a falta de uma classe média consolidada e segura. A falta de um instrumento eficiente para a distribuição de renda produz um enfraquecimento do centro do espectro político.

### Do ponto de vista econômico, a América Latina tem se mostrado um fracasso. Cresce menos que a média das demais regiões. Por quê?

São muitas as razões para esta falta de crescimento. O desenvolvimento do capital humano é certamente um deles. A falta de infraestruturas em grandes partes da região e o nível modesto de integração econômica regional são outros fatores que contribuem para essa realidade. Mais: a instabilidade política, que produz, em alguns casos, a insegurança jurídica é, particularmente, crítica em alguns casos e desencoraja o investimento estrangeiro.

IE University/ Divulgação



### É possível mudar esse quadro desalentador? Como?

Sim, por meio de uma política clara e sustentada de combate às desigualdades sociais, investindo na educação e na infraestrutura, promovendo a integração regional e apoiando as instituições democráticas e o Estado de direito. São pontos que fazem uma imensa diferença.

### Como os investidores veem a região? Há razão para tanta desconfiança? Por quê?

As questões relativas ao Estado de direito são generalizadas na América Latina. No caso dos investimentos originários da Espanha, houve casos de instrumentalização política. Isso é emblemático no México. É raro passar uma semana sem que a alta liderança do país ataque as empresas espanholas ou as suas atividades no país. Isso desencoraja o investimento internacional.

### O que os investidores mais temem na região?

A erosão do Estado democrático de direito e a exposição ao risco político.

### É possível pensar em uma América Latina mais próspera? Por quê?

Absolutamente, é possível. Mas é preciso um certo tipo de liderança política sustentada. A região tem recursos naturais e humanos extraordinários. Na minha opinião, não há nenhuma razão estrutural para que a América Latina não atinja níveis de rendimento per capita semelhantes aos que vemos na Europa ou nas economias do Leste Asiático.

### Por que os Estados Unidos se mantêm de costas para a América Latina?

Esta é uma questão muito relevante. Os EUA não investiram tempo nem recursos suficientes

na América Latina. Descobriu, agora, que a região não está disposta a, por exemplo, impor sanções à Rússia, apesar da pressão norte-americana e da Europa. A China, aliada da Rússia, é o principal parceiro comercial da maioria dos países latino-americanos e um dos maiores credores da região. E até mesmo um dos maiores investidores, inclusive no Brasil, diga-se de passagem. Tanto os EUA quanto a Europa precisam estar mais presentes na região, diplomática e economicamente. Se quisermos que a América Latina continue a fazer parte do Ocidente, temos de nos comprometer com ela.

### Que papel tem o Brasil na integração regional?

Desempenha um papel fundamental. A integração regional simplesmente não ocorrerá a sério se o Brasil não fizer parte dela.

## DEFASAGEM EDUCACIONAL

# Jovens devem ter renda até 25% menor

» VICTOR CORREIA

Os efeitos da pandemia da covid-19 na formação de crianças e jovens pode gerar uma defasagem em suas vidas adultas, alerta o Banco Mundial (Bird). Levantamento recente da instituição multilateral mostra que pessoas que tinham menos de 25 anos em 2020, quando a doença se espalhou mundialmente, podem ter uma redução de até 25% em seus rendimentos no futuro.

O cenário mais preocupante é justamente entre as crianças menores, que sofreram com o fechamento das escolas em uma fase essencial para sua formação. No futuro, a defasagem pode gerar inclusive perdas econômicas para os países.

De acordo com o estudo, intitulado “Colapso e Recuperação: Como a pandemia da covid-19 deteriorou o capital humano e o que fazer a respeito”, o déficit de aprendizado atinge especialmente os países de baixa e média renda, sendo o Brasil um dos mais afetados pela perda de empregos dos jovens.

O Banco Mundial destaca ainda que os países precisam investir em políticas públicas para recuperar o atraso, sugerindo ações emergenciais como adequar o ensino ao nível de aprendizagem dos alunos e estimular o acesso dos jovens ao mercado de trabalho.

### Janela pequena

No estudo, o Banco Mundial alertou que a janela para mitigar o déficit educacional é pequena, e sugeriu uma longa lista de políticas públicas que devem ser adotadas pelos países. Entre as ações mais urgentes estão o apoio à campanha de vacinação e suplementação nutricional de crianças mais novas, aumentar o acesso à pré-escola e expandir os programas de transferência de renda para famílias vulneráveis.

“As pessoas com menos de 15 anos hoje, ou seja, as mais afetadas pela deterioração do capital humano, representarão mais de 90% da força de trabalho em idade ativa em 2050”, afirma o economista chefe para

Desenvolvimento Humano do Bird, um dos nomes que assinam o relatório. “Reverter o impacto da pandemia sobre elas e investir em seu futuro deve ser a prioridade mais alta para os governos. Caso contrário, esses cortes representarão não apenas uma, mas várias gerações perdidas”, acrescenta.

Segundo a pesquisa, entre março de 2020 e março de 2022, a perda estimada na educação de crianças em idade escolar era de um ano de escolaridade presencial, sendo mais acentuada em países da América Latina, com perdas de 1,7 ano. No Brasil, entre 1º de abril de 2020 e 31 de março de 2022, as escolas ficaram parcialmente ou totalmente fechadas por 90% do tempo.

Em países de baixa e média renda, quase um bilhão de crianças perderam, no mínimo, um ano escolar inteiro, sendo que 700 milhões perderam um ano e meio. Como efeito, cerca de 70% das crianças de 10 anos nesses países são incapazes de entender um texto básico, sendo que, antes da pandemia, esse índice era de 57%.

Os dados do Bird são corroborados por indicadores de instituições brasileiras. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostra que a taxa de alunos com dificuldades para ler e escrever saltou de 15,5%, em 2019, para 33,8%, em 2021. O Censo Escolar, divulgado pelo Inep, mostrou ainda que a taxa de abandono mais do que dobrou no ensino médio entre 2020, de 2,3%, para 2021, de 5%. Já os jovens entre 15 e 24 anos sofreram com a falta de acesso ao emprego. O México e o Brasil tiveram a maior queda no emprego dessa população, de 7% e 6%, respectivamente. O número de jovens que não trabalham nem estudam chegou a 22% no fim de 2021. Segundo o estudo do Bird, o desemprego ou baixa remuneração nesse período pode impactar essas pessoas por até 10 anos.

“Fechamento de escolas, lockdowns e interrupções nos serviços durante a pandemia ameaçaram acabar com décadas de progresso na construção de capital humano de várias gerações”, declara o presidente do Banco Mundial, David Malpass.

## Palavra de especialista

### Deficit pode ser recuperado

Ao comentar sobre o alerta do Banco Mundial (Bird), a professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília Catarina Santos ressalta que não foi apenas a pandemia da covid-19, em si, que causou o déficit educacional do Brasil, mas que os problemas já existentes foram ressaltados por uma situação extrema. Para ela, as sugestões dadas pelo Bird não são novidade no Brasil, já que apontam para dificuldades conhecidas no sistema educacional e poderiam ter sido resolvidas no país “alguns anos atrás”, se houvesse comprometimento do poder público com a erradicação da fome e da melhora na educação. “Não existe a lógica da ‘geração perdida’, porque a possibilidade de aprendizado é ao longo da vida. Esse déficit é consequência do que não fizemos antes,

Arquivo Pessoal



não fizemos durante e não estamos fazendo depois da pandemia. Tem a ver com a falta de ação governamental para resolver a questão.” A professora destaca que o país já tinha um déficit de educação antes da pandemia. Logo, os que já eram afetados foram os mais impactados pelo atraso no currículo escolar, pois foram justamente os que tiveram menos acesso. “Não garantimos que essas pessoas tivessem um acesso mínimo, de diversas formas. Não garantimos unidades computacionais às escolas, alimentação, e condições de vida às famílias”, critica. (VC)